

Padre Manuel Fernandes Gomes Himalaya

eminente sabio e celebre inventor portuguez

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typograph'a
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo co- brador, accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

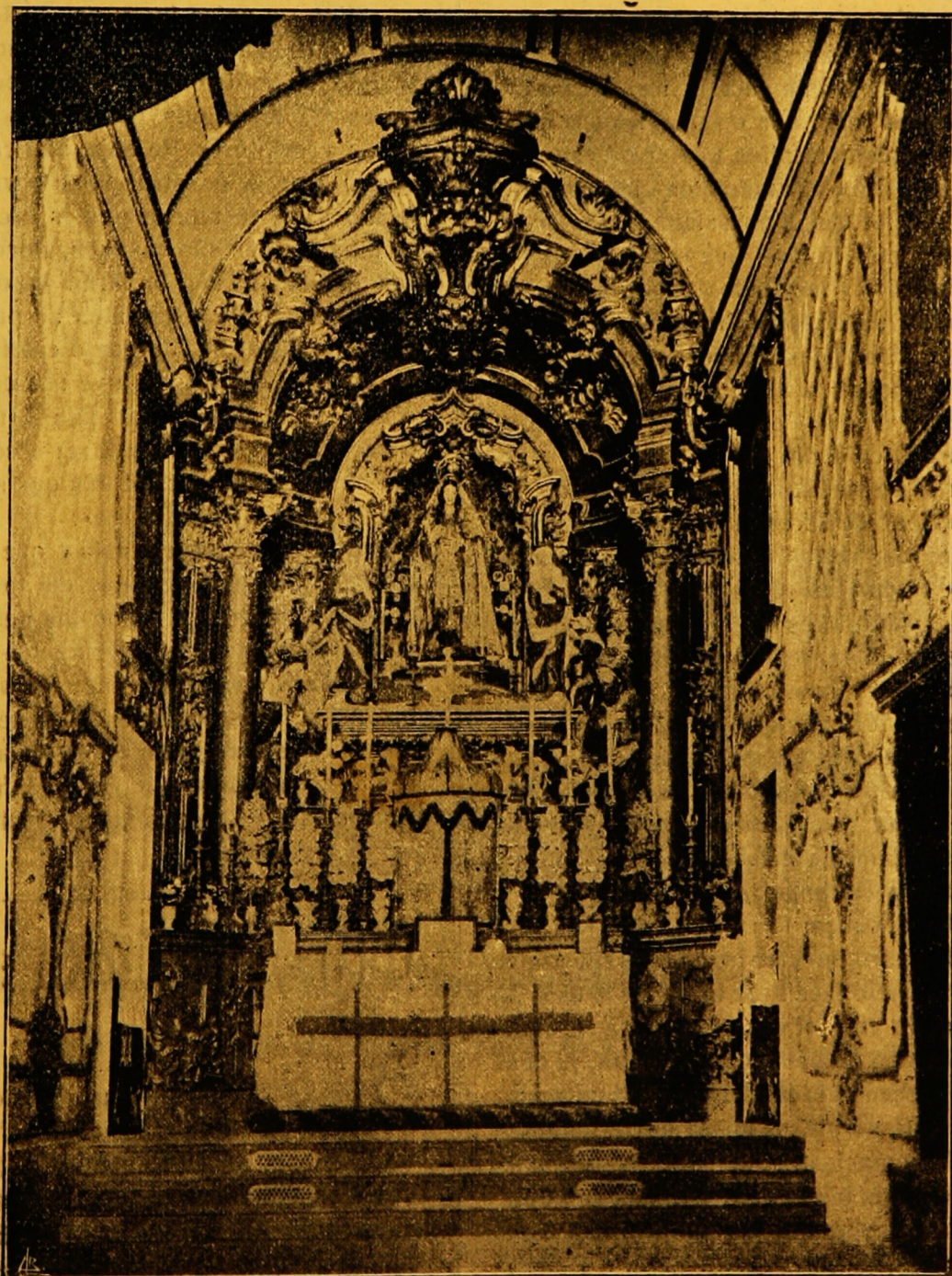
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 6 de setembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 10—Anno I



VIANNA DO CASTELLO—Altar-mór da capella de N. Senhora d'Agonia.

(Cliché do phot. amator sr. Eusebio Rocha).

Puristas e relaxados



DESDE que veio a lume a nossa revista, chovem as cartas na redacção, que é um louvar a Deus!

Pois diremos aqui muito á puridade quaes são as que mais nos agradam: de fóra postas as que trazem... vales do correio, as que mais estimamos são as que trazem criticas, reparos, alvitre, dictados pelo desejo de aperfeiçoar e fazer progredir a nossa obra. Que nem para outro fim estimamos o *vil metal* que nos chega dos novos assignantes. Puzemos feito a esta empreza sem intuitos mercantis, e melhor que ninguem o pódem crêr aquelles que nos criticam com conhecimento das difficuldades de toda a ordem que offerece um commettimento d'este genero em Portugal.

Mas revertamos ás criticas. Agradecendo-as todas, inda aquellas que podiam vir em tom menos irritante, queremos tratar hoje das que se referem á parte litteraria. E para começar, louvamos a Deus por inda haver quem zele a pureza da lingua patria! Disse não recórdamos que auctor, mas façam de conta que o dizemos nós, que o signal mais seguro da dissolução irremediavel d'um povo é o desprezo da propria lingua. Não affirmaremos que isto seja rigorosamente exacto. Quiçá possamos, recordando o que escreveu Victor Hugo— que o scepticismo é a cárie da intelligencia— estabelecer que o signal mais seguro da corrupção fatal d'uma nacionalidade é a ruptura das tradições religiosas, scepticismo que caria, fura e apodrenta as intelligencias, resultando d'ahi feder o que se escreve e diz, como halito de bocca mal cuidada.

Como quer que seja, corre o dever, a quem se propõe, n'um periodo de decadencia, sustar a marcha do mal, de envidar todos os esforços para que a restauração do organismo decadente abranja tambem as funcções superiores da intelligencia, desde os actos de fé até á expressão correcta do pensamento. De combater, n'uma palavra, o scepticismo em todas as suas fórmãs, que é a cárie e o abastardamento da lingua, que é o mau halito. E diga-se a verdade, se lhe não acudimos, anda ahí já tão deteriorada a lingua dos nossos maiores, que não tardará que nos vejamos precisados de adoptar, por decôro, uma lingua estrangeira, que é como quem diz uma dentadura postiça.

Ora succede que os deveres nem todos são assim bons de cumprir, nem facéis de apontar. E este de pôr a correr mundo uma revista, em terra provinciana, e em ocasião de estiagem litteraria, já com o cunho de irreprehensivel casticismo na linguagem, é pouco menos que utopia. A nossa unica resposta aos criticos mais impacientes podia ser aconselhar-lhes que vissem com olhos quinhentistas as publicações de maior brilho que se publicam na capitál...

Mas como o peccado alheio não dispensa da virtude propria, diremos que á pureza da parte lit-

teraria da revista iremos consagrando os cuidados que requer. Advertimos, porém, duas coisas:

A primeira é que nos manteremos equidistantes do caturriso exagerado e da libertinagem desenfreada—que mais não seja por precisão de seguir o meio termo, á mingua de bom piloto que nos guie a mareagem pelos mares da vernaculidade, onde ha escolhos temerosos, arcaismos, pedantismos, etc.

Nem estamos sós n'este empenho. N'uma obra hespanhola, de Martinez Ruiz (Azorin)—*clásicos y modernos*—encontramos alguns periodos que offerecemos aos mais intelligentes dos nossos Aristarchos:

«No escriptor tudo depende do instincto; toda regra é inutil, e todo estudo no tom do estylo levantado ou prosaico. No *instincto* e só no *instincto* estriba tudo...

«A vida é o que faz a obra de arte. A obra em que haja vida será bella, apesar de todas as incorrecções de estylo. Não nos afanemos em fazer o que faziam os escriptores de ha tres ou quatro seculos. Vivamos apaixonada, livremente e sem rigorismos de escolas, o nosso tempo...

«Entre o *vulgo litterario*— não entre os verdadeiros artistas— julga-se que um estylo é castiço quando se molda sobre construcções, vozes e maneiras de dizer dos escriptores do *seculo de ouro*. Se os escriptores de hoje são castiços, porque se *tingem* com a construcção e o vocabulario dos do seculo XVII, resulta que estes escriptores de ha tres seculos... não são castiços, porque elles, os grandes *stylistas*, não imitaram os de dois ou tres seculos antes. E chegaremos ao paradoxo, verdadeiramente absurdo, de que o casticismo consiste em imitar uns escriptores que são castiços... porque o não foram, isto é— adeante com o enredo!— que o casticismo estriba em fazer o contrario, *imitar*, do que fizeram os escriptores que são a mais alta representação do casticismo».

A segunda advertencia é que não podemos ver com indiferença agitar se em torno de nós a nova geração litteraria, e fechar-lhe descarovelmente as portas da nossa casa. Deixemol-a vir aqui pelear, com toda a vivacidade indisciplinada dos soldados bisonhos, mas ardentes e generosos. Como não desconcertem a ordem de batalha, no essencial, fechemos os olhos a qualquer infracção dos artigos secundarios do regulamento disciplinar.

E temos dito.

Chronica da semana

X

ACABAM tristemente uns restos de decôro que travavam nas almas jacobinizadas os impulsos de intolerancia, e aqui e além, paiz em fóra, surgem casos repugnantes de insultos que emporcalham, de sarcasmos que enojam: um individuo que regista um cachorro sob o nome de Jesus Christo, um outro que ante a propria mãe, arrasta pela lama das ruas imagens de santos...

A maioria do paiz parou attonita, assombrada ante a villania dos vituperadores; o restante da população preferiu aturar em silencio as candentes verberações d'aquella... e fingir que não ouvira...

Nós vemo-nos obrigados a declarar que outra não poderia ser a attitude dos zelotes do radicalismo portugues.

Pois que esperavam os senhores?

Acaso pensaram um dia que n'este rincão debruçado sobre o mysterio do mar, a Providencia guardaria os seus eleitos? Que por havermos uma tradição historica fulgurea e uma tradição religiosa notavelmente provada, escapariamos á verminação pôdre das doutrinas immensamente deleterias do

Mas se não é possível estabelecer uma *logica das revoluções*, no emtanto, dentro do limite geral dos seus excessos, tornam-se relativamente assentes um certo numero de factos: e estes, a que alludimos, pertencem indiscutivelmente a este numero bem como aquell'outro d'uma auctoridade prohibir o uso de casacos compridos aos sacerdotes sob o pretexto ridiculo de que elles não são mais que habitos talaes...

Não é nosso intuito justificar taes abominaveis arbitrariedades e tão procazes affrontas. O protesto energico e ordeiro, mas inflecto e tenaz, constitue uma exigencia dos espiritos cultos e das consciencias impolluidas.

Sómente, não vamos na onda dos espantos e das exclamações afflictivas porque ainda para nós muito vale o dito celebre: o que tem de ser, tem muita força...

Protesto, diziamos — e de facto, sente-se que, apesar de tanta putrescencia, de tanto egoismo, se vae esboçando em Portugal uma opinião formada, garantida, como reacção contra a desordem. Ella operou o que as retaliações do passado não lograram fazer: a unidade de sentimentos e ideias quanto á necessidade, d'um renascimento tradicionalista não só na ordem religiosa como na orde politica. «Os maiores admiradores do passado são os melhores obreiros do futuro» — escreveu um critico illustre.

Sem duvida, é esta a linha geral do nosso trabalho futuro e não póde ser outra.

Tivemos erros e cultivamos vicios perigosissimos. E' preciso que os estudemos serenamente e imparcialmente para os expungirmos dos modelares quadros de patriotismo e de abnegação, que constituem, alem d'um contraste, o titulo do nosso orgulho nacional.

A divisa é só uma: trabalhar com o espirito e o coração para apagar por uma vez as velhas culpas, que a todos pertencem.

Banir todas as causas de divisão, fazer comprehender aquelles

que são destinados a orientar, o impreterivel dever d'um esforço commum,—eis a grande preocupação.

A critica historica não nos cabe, por emquanto. Faça cada qual por seu lado o que deve, e Portugal será dentro em breve um Portugal maior...

Veem a proposito estas ligeiras considerações: a campanha politica da opposição toma indiscuti-



VILLA NOVA DE GAYA — Egreja da Serra do Pilar

liberalismo politico e á dessoração dos sentimentos religiosos, na alma do povo?!

Ingenua e luminosissima utopia!

E' quasi impossivel prevêr e determimar a successão das phases d'um movimento caracterizada e perversamente revolucionario, como este que vem saccudindo a nacionalidade portugueza, lentamente primeiro, depois, agora, precipitadamente.

velmente um aspecto inédito entre nós, pelo vigor e pela uniformidade dos seus ataques, e na escassa, ou antes demasiadamente dispersa, imprensa catholica começa de fallar-se gravemente a linguagem solemne das horas decisivas.

E á *Illustração Catholica* compete declarar o seu modo de vêr e afirmar o seu incondicional apoio aos novos trabalhos de reorganisação nacional, que já se estão encetando.

Eis o motivo por que esta chronica não assoma hoje floreada ou chistosa.

Os leitores não perderão nada com isso, e o auctor sentir-se-ha satisfeito por haver cumprido o seu dever politico e religioso, dizendo a verdade nua e crúa . . .

F. V.

Emilio Olivier



QUANDO as garras do invasor roubaram á França duas provincias, como espolio d'uma guerra sanguinolenta, rasgaram tambem no seu peito um sulco profundo logo molhado pelo mais puro sangue.



Emilio Olivier

Atravez de todas as crises tremendas, a que só o genio francez soube resistir, jamais a recordação da expoliação do seu territorio, se dissipou no seu espirito e na sua alma.

Como Déroulède cantou :

«La mort n'est rien, vive la tombe
Quand le pays en sort vivant!
En avant!»

E ainda hoje, ao descer da lagea tumular sobre o caçaver de Emilio Olivier, crepita de novo esse grito vibrante de condemnação e de dôr, que lança sobre a memoria do antigo presidente de conselho, uma rigorosa culpabilidade perante a historia e perante a patria!

Não ha perdão, não ha porventura clemencia!...

E' certo que algumas vozes pregoáram indulgencia, mas a mór parte dos juizos foram severos.

Não podendo dar aos leitores uma nota biographica precisa e detalhada de E. Olivier, vamos expôr, resumindo, a opinião que o seu trespassse provocou.

Um dia, Lamartine apresentou-o a Guizot, como um moço «ardente e optimista», e este deixou tombar dos labios estas palavras: *Vous avez raison monsieur, d'être optimiste; les pessimistes sont des spectateurs!*

Poderia dizer-se que esta phrase de Guizot, explica e mareaia toda a vida politica do velho que agora morreu.

Aquella fé robusta em si mesmo, a viril ingenuidade dos homens de 1848, guardou-a Olivier até ao fim. Aceitou a guerra decidido e confiado: *d'un cœur léger que le remords n'atourdit pas*, como um dia elle disse no parlamento — e ainda retirado ao silencio dos livros elle ficou fiel ao seu ideal d'outr'ora, trabalhando unicamente por desfazer e esclarecer aquillo que chamava a sua *lenda politica*. Napoleão III continuou a ter no seu espirito o privilegiado lugar d'um amigo que a cadeia ferrea da desgraça ligou para sempre, perante a historia. De cada vez que alguém ousava proferir deante d'elle a fatidica evocação: «Alsacia-Lorena», obtinha como resposta: «Nice e Saboia».

A data de 15 de julho de 1870, vincara se-lhe na alma com o poder d'uma obsessão. Esperou que duas gerações passassem sobre os acontecimentos que fizeram com que a França perdesse o seu prestigio, e começou a escrever o seu depoimento, a sua historia com todo o fogo d'um coração novo. embrechando-a de documentos, cantada na eloquencia magistral, que elle elevadamente possuia.

«Era a eloquencia feita homem, escreve René Doumic. Nas sessões ordinarias da Academia, era com prazer que tomava a palavra: desenvolvia a sua opinião em forma de discurso: logo depois, todos estavam subjugados pelo encanto do seu verbo. Lembro-me d'uma discussão em que elle tratava de Lamartine. Foi o seu mais brilhante improviso, mescla de recordações pessoas, aspectos politicos, em subitaneos e poderosos arrancos .. Elle pintava os actores e nós viamol-os; tracejava scenas e parecia que assistiamos a ellas. Um dia, Henrique Houssaye, vibrando ao sahir d'uma das suas frequentes visitas, dizia-me: «Nunca na vida ouvi mais perfeita e bella». Seria justo que se accrescentasse: «mais impressionante tambem...»

O seu temperamento oratorio empolgava-o. Os livros publicados tão assiduamente, em que elle procura justificar-se, liam-se e leem-se ainda com um intenso prazer intellectual.

Que pensar d'este homem?

Desvairado em chimericos sonhos, tanto pelo seu caracter como pelas suas intenções, Emilio Oliver não merecia talvez esta expiação tão dura. Mas só pelos effeitos, só pelos resultados praticos, julga o povo das obras dos seus mentores, e a opinião franceza não esquece que a falta de previsão de Olivier, escreveu a pagina degradante de Sedan.

O erro fundamental de toda a sua obra foi o preconceito liberal e a teimosia, que d'elle se apoderou, de fazer participar democracia n'um regime, como o imperio, que só poderia viver pela dictadura.

O desfecho era inevitavel: ás desordens no interior corresponderam successivos desbaratos na ordem dos negocios externos, e o *imperio liberal* foi o sudario d'uma raça.

Este culto pela Liberdade, perduravel e constante fez com que mais tarde, nas columnas da *Croix* elle a defendesse contra as abusivas intrusões do lacismo, contra a injustiça dos perseguidores da Igreja de que a todo o momento elle fallava com respeito.

Eis a opinião geral ácerca de Emilio Olivier.

Elle expiou bem todo crime que o seu liberalismo archaico originara... Apezar das suas tremendas responsabilidades, se fossemos francezes, haver-lhe-hiamos perdoado...

F. D'ALMEIDA.

FIGURAS DA BEIRA

II

P.^e Antonio Roseira

(Conclusão)



collegio mudou depois para Santa Cruz, perto do quartel de infantaria 9. Alli estudei quasi todos os preparatorios, alli... me adestrei na sciencia dos recrutas tomando ares tão bellicosos, que muitos julgaram palpitar em mim um futuro Attila. O templo de Santa Cruz, encanto e amor do P.^e Luiz Florida abade da Sé, grande apostolo, attrahia-me muito tambem, principalmente quando prégava o conego Costa Pinto, o maior prégador do seu tempo na Beira, o fino litterato, o grande espirito, que, mais tarde, desapareceu no tumulto, no Alemtejo, sob soffridas provações lancinantes.

Padre Antonio estava no vigor da vida. Era rispido de disciplina, sabedor como poucos, de humanidades. Latinista eminente, tudo era n'elle amorpaixão pelos classicos. Mas, n'aquelle saber apaixonado, n'aquelle engodo estranho pelos latinos, florescia sempre o mais alto espirito religioso. Nunca se traduziu um verso de Virgilio ou de Homero, que o não commentasse elevadamente com a melhor philosophia christã.

Era aspero nos modos? Era. Por vezes parecia duro. Mas nunca punia sem ter os olhos humidos



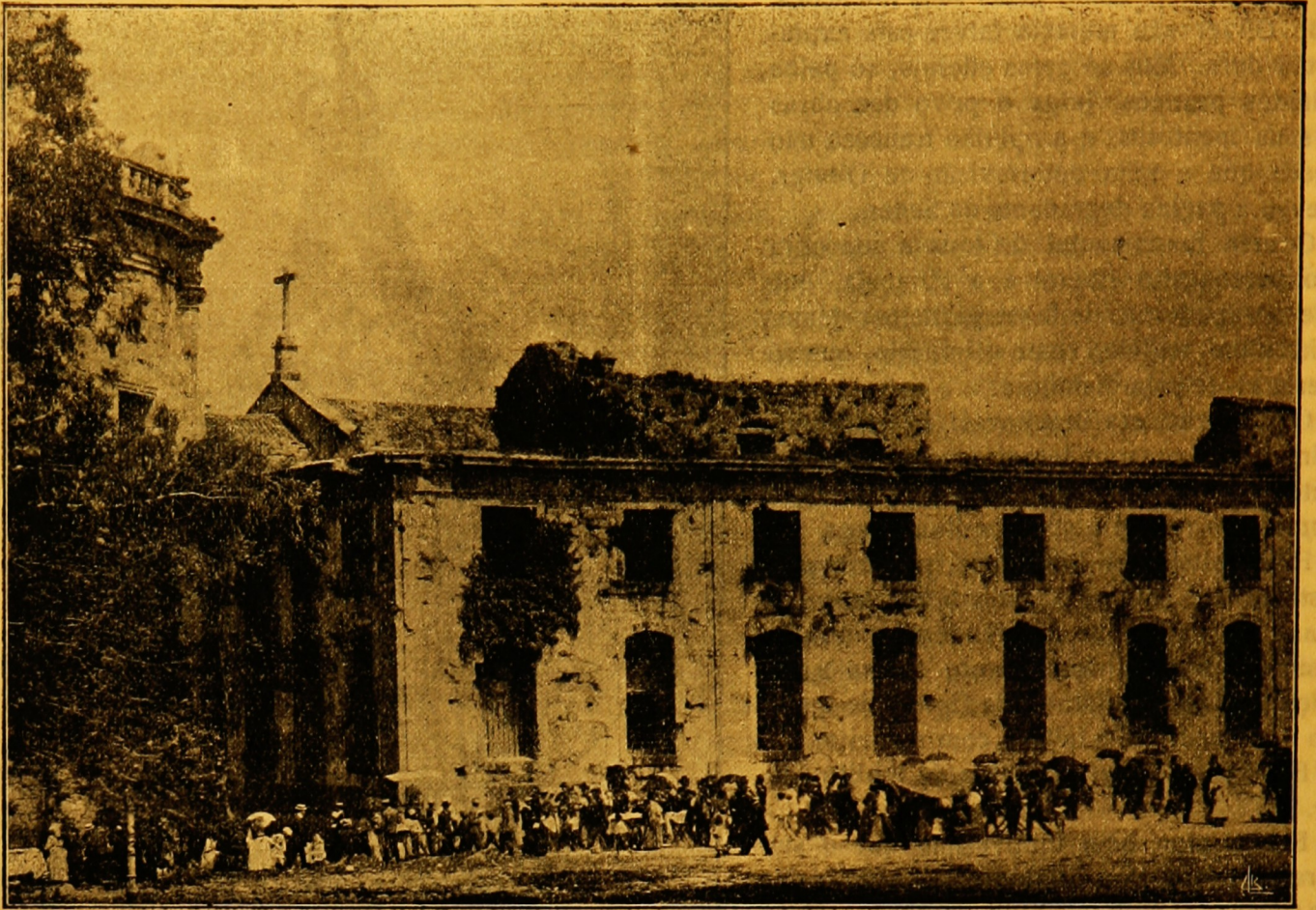
VILLA NOVA DE GAYA—Imagem de N. Senhora da Gloria (Vulgo do Pilar)

que se venera na igreja do antigo convento da Serra.

de dôr. E assim todos o adoravam, até aquelles que só parecia teme-lo.

Tinha uma graça portuguezissima, quasi com laivos d'um novo Gil Vicente. Assim adorava os repentes de homem sanguineo, ancioso pelos maiores progressos de todos.

O seu coração, avêso a exteriorisações piegas, era porém, admiravel. Todos os dias, chegava um rapazito livido, mal vestido, de modos enleados. Seus paes eram indigentes. Nem sequer tinha livros. Padre Antonio dava-lhe pão, sentava-o ao lado dos internos, vestia-o, instruia-o, e tinha sempre para elle uma brandura enternecida. Não o deixava nunca, formava-lhe a alma com devoção, e quasi sempre o acompanhava até ao Seminario onde o continuava a proteger com ardor e ternura.



VILLA NOVA DE GAYA—Parte do antigo convento da serra do Pilar em ruínas

(Clichés do phot. amador Julio G. Loureiro).

Muitos, e dos melhores, curas d'almas da diocese de Lamego vieram d'esses rapazinhos, em tudo famintos, salvos, esclarecidos, valorizados, pela caridade limpida do Padre Antonio.

O santo ecclesiastico detestava a politica. Por isso, não vivia muito com o irmão, o dr. Roseira, Arcypréste, e depois Deão, da Sé de Lamego. Mas, se a politica disfarçava os pedidos n'um gesto caritativo, Padre Antonio estava ao lado d'ella, dava-lhe tudo que tinha, sem uma vacillação, sorrindo diante do sacrificio, feliz por soffrer, por se abnegar, por semear ingratidões.

A cada passo, esvasiava a algibeira no soccorro do infortunio. Exploraram-no verdadeiros e falsos mendigos. constantemente, em esmolos sempre avultadas. Não dava só cobre, dava prata, dava ouro, ás vezes um punhado de libras, se as tinha, se até o permittiam as grandes obras que trazia na Ortigosa, no actual grandioso edificio.

E enchia-se assim de dividas, de amarguras, esquecendo-se sempre d'ellas, á primeira suplica, á primeira lagrima do mais desconhecido mendigo.

Um dia, tarde de julho, largara eu pela collina dos Remedios acima, em ardente caça aos grillos. Faltara, para fim tão epico, á aula de historia. Vergonhosa pagina de minha vida, se era a guerra aos pobres grillos, só para os sepultar na gaiola de papelão, o que me afugentava do dever!

De subito, ao pé d'um pinhal, estaquei estarecido. Padre Antonio, que eu supunha no collegio, descia a caprichosa estrada que vem de Vizeu. Seguia-o um velho andrajoso, lamuriante, pedindo cinco réis.

Mal tive tempo para me esconder n'uma giesta onde fui o pavor de dois volumosos lagartos. N'isto, Padre Antonio, parava, d'olhos na estrada deserta, esperando pelo mendigo. E voz do santo ecclesiastico disse com brandura estranha:

— Já lhe disse, meu amigo, hoje não trago nada. Mas vá ao collegio, vá . . .

— Senhor — volvia o velho — ando até sem camisa.

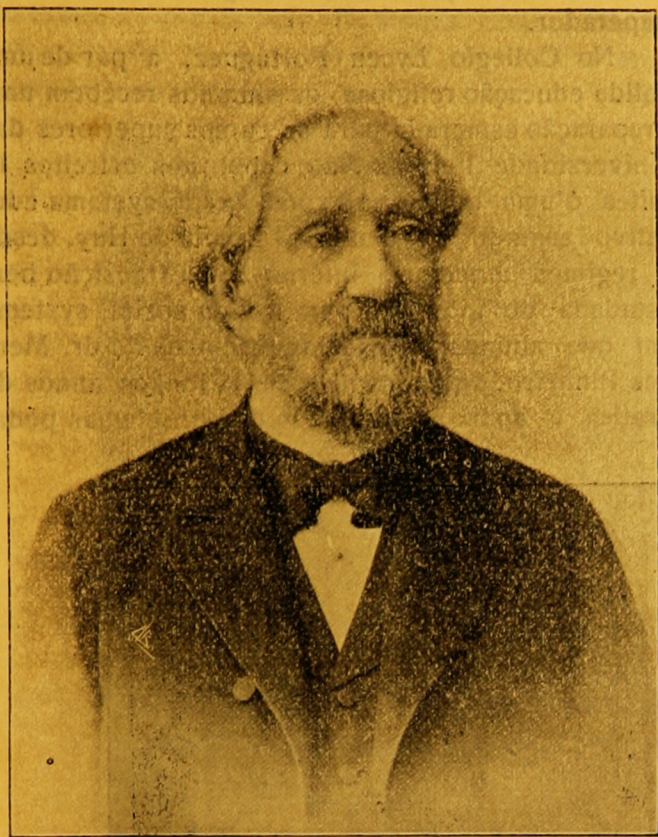


Antonio Alves Pereira da Fonseca

(Lamego)

—Sem camisa?! Espere ahí!

Padre Antonio, com grande terror meu, subiu para o lado do giestal. Despiu-se vertiginosamente. Tirou a camisa, d'um linho alvissimo. Vestiu-se de novo sem ella. Depois, desceu, entregou a canisa ao velho, e repetiu: — *Vá logo ao collegio, vá. Aqui não tenho dinheiro.*



Belchior d'Albuquerque Barata
(Lamego)

E seguiu pela estrada a baixo com rapidez febril. E até morrer, com mais de oitenta annos, Padre Antonio foi sempre isto: um sabio e um santo, o homem de modos mais bruscos e de coração mais angelico.

JOSÉ AGOSTINHO.

NOTA—Padre Antonio Joaquim Lopes Roseira nasceu em Covas do Douro a 31 de dezembro de 1818. Frequentou as aulas em Braga onde se ordenou. Foi, na sua aldeia, professor particular e parochó encommendado, tendo lá como discipulos Antonio d'Azevedo Castello Branco e José d'Azevedo Castello Branco que se internaram depois no collegio de Lamego.

Foi o Padre Roseira abbade em Borbella (Villa Real). Depois lecionou particularmente em Lisboa d'onde quiz seguir para o Brazil, dissuadindo-o d'isso Francisco Roseira, seu irmão, que lhe lembrou a ideia do collegio depois posta em pratica pelo dr. Manuel Roseira e por Padre Antonio.

Foi professor de latim, por decreto de 19 de julho de 1862, nas aulas secundarias de Lamego, e, em 1880, professor e secretario do lyceu, estabelecimento devido quasi só á enorme frequencia do seu collegio.

Annunciam a um chimico o suicidio de um de seus amigos que se lançara á agua para evitar as miserias da vida,

— Isso não é una solução! — exclama o chimico. Porque o homem não é soluvel na agua.

À beira mar:

*Não passando as gaivotas, embaladas
Nas salsas ondas d'esse mar de rosas:
Branços flocos de espumas vaporosas
Lhes tremulam nas azas orvalhadas;*

*E da praia, as conchinhas variegadas
Alvejam pelas dunas arenosas,
Quaes fragmentos de pedras preciosas
Dispersos pelas ondas prateadas.*

*Ao pôr do sol, lá quando o ceu e o mar
Se confundem, minh'alma de vidente
Embebia-se em fundo meditar:*

*Reminiscencias, que evocava a mente,
Das vagas ao constante murmurar,
Nas brumas se esvaíam, tentamente . . .*

ZULMIRA DE MELLO.

Fastos do Catholicismo

Synodo diocesano de Soissons

O que acaba de reunir em Soissons, sob a presidencia de Mons. Péchenard, com 106 dignatarios e delegados do clero, é o primeiro depois do que se reuniu n'essa diocese em 1908. Procurou-se tornar mais salientes algumas disposições e restaurar pontos olvidados da disciplina.

Na primeira sessão tratou-se dos seguintes pontos: a primeira Comunhão privada das creanças; o canto da egreja; canto gregoriano; curso e escolas de canto; pronunciação do latim; fundação de escolas chris'tãs; adoração perpetua e adoração nocturna. Sobre estes assumptos, foram lidas memorias interessantissimas.

E em Portugal? Ha quantos seculos não se re-unem synodos nem concilios provinciaes? A auctoridade episcopal pôde, é certo, legislar a disciplina de accordo com a geral da egreja, e assim o tem feito; mas o espirito ecclesiastico não é tal.

Pois bem necessario era a reunião de Synodos e Concilios. Cá por casa só existem constituições perfeitamente anachronicas.

Novas curas milagrosas em Lourdes

A peregrinação nacional franceza que esteve em Lourdes a semana preterita, viu jubilosamente que vinte dos seus enfermos se levantaram curados miraculosamente. Louvora a Maria Santissima.

Um collegio portuguez no exilio



DESEMBARCARAM a semana passada em Vigo e Lisboa 23 alumnos do Collegio Lyceu Portuguez estabelecido ha dois annos em Huy, na Belgica. Aproveitamos o ensejo para dar aos leitores da *Illustração Catholica* uma noticia d'aquelle modelar instituto de ensino para prestar homenagem ao seu Ex.^m Director, o snr. dr. José Luiz Mendes Pinheiro, ex-lente da Universidade de Coímbra, catholico integral e raro exemplo de indomavel energia.

O Collegio Lyceu Portuguez, de Huy, succedeu ao Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz, onde se achava installado em soberbos edificios construidos especialmente para esse fim. A tormenta revolucionaria, que varreu do solo portuguez tantos centros de ensino, levou tambem para longe

tavel que já varios professores tem sahido do Collegio para occuparem lugares de distincção, como ainda ha pouco o dr. Luiz Fouarge, belga, doutor em sciencias naturaes, e actualmente repetidor na Universidade de Liége, e o snr. Bernardo Cassidy, inglez, que no verão passado recebeu honroso convite para ir passar as ferias no palacio imperial da Austria, como professor de inglez de um neto do imperador.

No Collegio Lyceu Portuguez, a par de uma solida educação religiosa, os alumnos recebem uma preparação esmerada para os cursos superiores das Universidade belgas. Não cabe, nos estreitos limites d'uma noticia a exposição do systema educativo seguido no Collegio Lyceu de Huy, desde o regimen monetario interno até á transição bem estudada do internato para a vida social, systema em que abundam as ideias originaes do dr. Mendes Pinheiro, amadurecidas em já longos annos de pratica e apaixonado estudo dos problemas peda-



Edificio do Collegio

o Collegio da Figueira, criação da iniciativa particular do dr. Mendes Pinheiro, que para se consagrar inteiramente ao seu apostolado de educação abandonara o seu logar na Universidade de Coímbra. Convencido de que educação sem base religiosa é construção na areia e reconhecendo a impossibilidade de continuar a ministrar livremente no seu collegio a educação catholica, fugiu para a Belgica nas vespéras de ser preso, como já o fôra o sub-director, o dr. Guilhermino Augusto Alves, que ha pouco se lhe foi juntar em Huy, depois de 23 mezes passados no Limoeiro, na Relação do Porto, na Trafaria e na Penitenciaria de Coímbra.

Na Belgica, terra de liberdade e uma das nações mais adeantadas da Europa, installou o Collegio n'um riquissimo palacio, de que damos hoje uma photographia, e não olhou a despezas para o dotar com um professorado competente, sendo no-

gogicos. Paralellamente á formação da intelligencia, do coração e do character, cura o collegio de desenvolver as forças phisicas por meio dos desportos no vastissimo e principesco parque, de que damos tambem uma vista; além do foot-ball, da gymnastica methodica e de toda a especie de jogos, ha officinas no collegio para trabalhos nacionaes, publica-se um jornal composto no collegio e redigido pelos alumnos e tem escolas de natação, passeio no Mosa que limita por um lado o parque, etc.

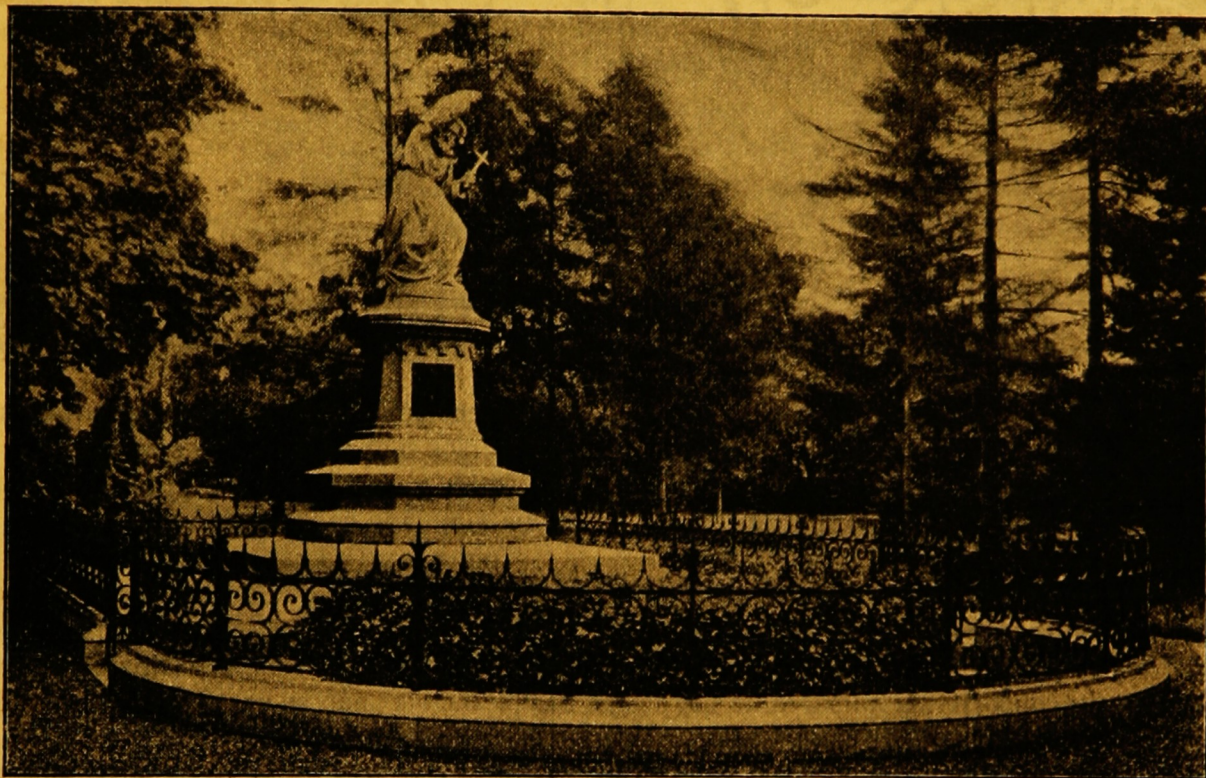
De resto, qualquer que fosse o systema seguido no collegio Lyceu Portuguez, bastava o facto de estar estabelecido na Belgica para que a permanencia n'elle dos alumnos fosse já uma lição proveitosa. Com effeito, nada mais oportuno para formar a nova geração portugueza do que levar o maior numero possivel de jovens a observarem

pessoalmente quanto se pôde fazer n'um povo pequeno e menos favorecido da natureza que o nosso. Aquelle espectaculo de energia, de actividade, de bom senso; aquella pujança de industria, de commercio, de sciencia, de arte e de vida religiosa, não podem deixar de impressionar efficaçmente os espiritos juvenis, rasgando-lhes vastos horizontes e afervorando-os n'um santo ardor de colaborar na restauração da Patria portugueza. E o dr. Mendes Pinheiro, profundo observador, tem a arte de fazer observar.

as suas reuniões, e não é raro ver nos templos «christão» a primeira prece ser rezada, segundo os seus ritos, pelos seus dignatarios.

Tambem as lojas americanas nas suas declarações officiaes, apregoam a «tolerancia» universal e a fraternidade; rendem homenagem ao «Grande Architecto», exigem o respeito á autoridade e a practica dos «bons costumes»; seus filiados são commumente louvaveis cidadãos, honestos industriaes, bons paes de familias.

Que ha que julgar n'estas apparencias? O que



Parque do Collegio — A estatua de Pedro Eremita

Sentimos que a sua modestia tenha frustrado todas as tentativas que fizemos para lhe apanhar o retrato que devia figurar aqui ao lado das photographias do Collegio. O que elle, porém, não pôde impedir é que d'aqui recommendemos o seu Collegio a todas as familias desejosas de formar seus filhos na escola d'um homem que tão bem sabe alliar a profundidade da sciencia com a integridade da fé, tudo a realçar um character de tempera diamantina, dos de antes quebrar que torcer.

existe para além d'esta fachada? Se estes franc-mações americanos são, effectivamente, boa gente, de que modo e com que fim se lhes explora a credulidade?—Tão graves questões receberam agora uma resposta.

*

E' um primoroso estudo do sr. Arthur Preuss publicado n'uma revista americana.

Cheio de seguros e exactos documentos, expõe a doutrina maçõnica segundo as obras classicas de Mackey, *Grande Pontifice Geral* do «Real Arch.» e Albert Pike, *Soberano Grande Commendador*, do Supremo Conselho meridional do rito escocez.

Ora eis em duas palavras o que ensinam estes mestrões.

«O dever d'um aprendiz contem-se por completo nas virtudes do *silencio* e do *segredo*». O segredo que é a essencia da instituição, é occulto aos iniciados como aos profanos. Porque ha duas classes de mações: 1.º Os que sobretudo gostam de se banquetear e aos quaes appellidam ironicamente «membros do grau do garfo e da faca». 2.º Os mações sabios.

Os primeiros, que são a immensa maioria, ignoram por completo o sentido dos principios maçõnicos. Elles podem ser «brilhantes» quer dizer estarem bem ao par do ritual e das cerimoniaes da iniciação sem penetrarem o seu occulto sentido.

A Franc-Maçõnaria na America



A America tem tomado um espantoso desenvolvimento as Lojas maçõnicas, americanas funcionam em numero de dezesseis mil, das quaes um milhão e um quarto de iniciados pertencem á America do Norte.

Estes 1.275:930 membros da Franc-Maçõnaria tem operado a conquista da democracia do ultramar: nos Estados Unidos, a imprensa está imbuida das suas doutrinas; são mestres de escola, da magistratura, do parlamento e do governo; os presidentes da republica os patrocinam; os ministros e bispos protestantes frequentam em grande numero

De resto a «Luz» maçónica é transmittida por graus e aos olhos dos «mações esotericos» mais de metade da hierarchia maçónica não passam de profanos.

Na instrucção ao Cavalleiro Kadosch (18.º grau escocoz) diz-se que uma parte dos symbolos é mostrada aos iniciados mas *elles são intencionalmente induzidos ao erro por meio de enganadoras interpre-*

tações; falla tão eloquentemente o sr. Pike, e de igual maneira Mackey.

Eis de que modo nos Estados-Unidos, como em toda a parte, a historia verifica como é bem fundada a condemnação que já em 1738 proferiu o Papa Clemente XII contra estes «inimigos da segurança publica» que escondem os seus designios sob a affectada mascara de uma probidade natural.



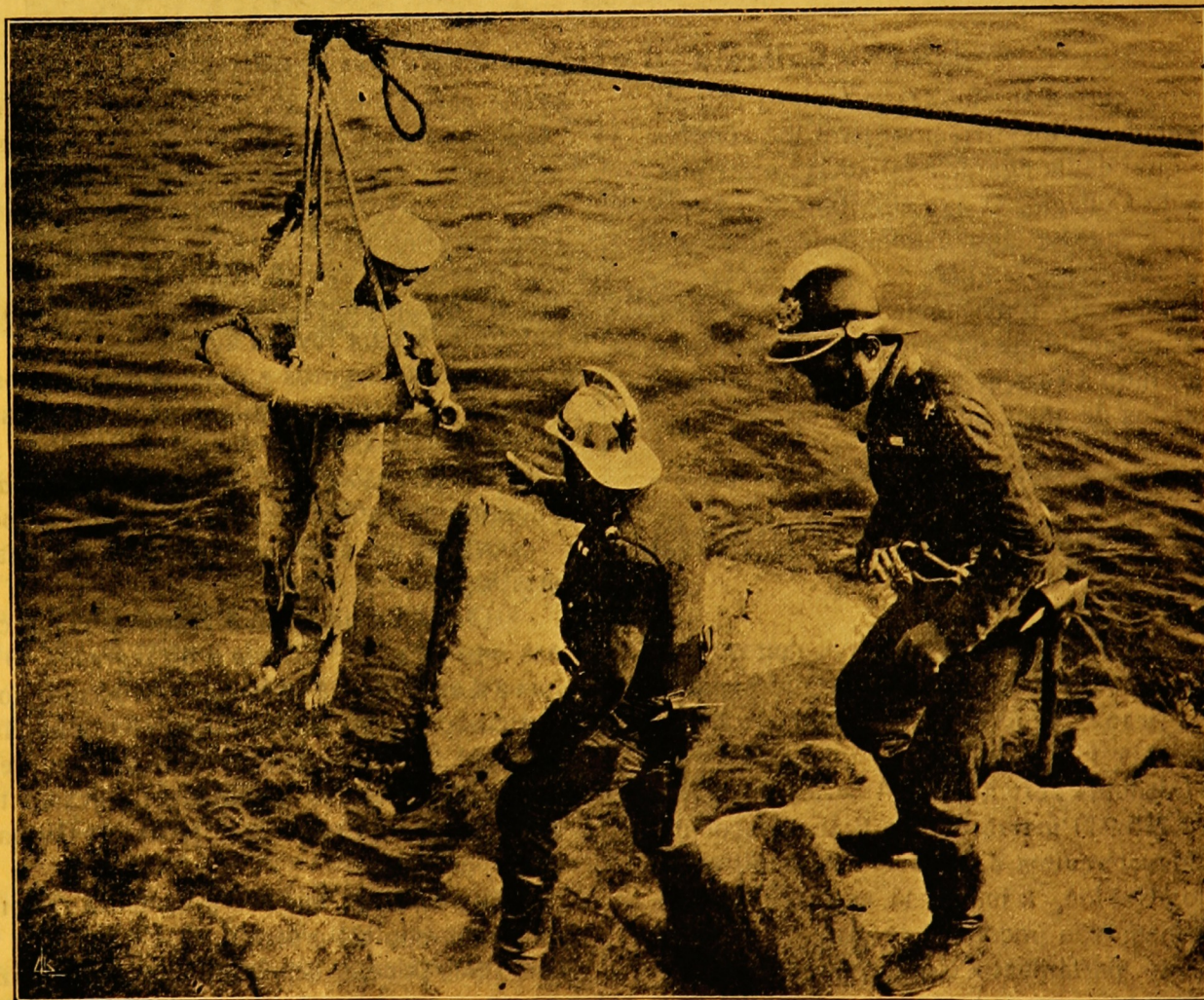
Promovido pelo nosso presado collera «O Comercio do Porto» — realisou-se, num dos ultimos domingos, em Leixões, um brilhante festival para inaugurar um signal sonoro, adquirido por subscrição aberta no mesmo jornal e para render publica homenagem aos heroes que no salvamento dos naufragos do «Veronese» deram provas da sua intrepidez.

Esta festa a que concorreram milhares de pes-

soas decorreu animadissima cumprindo-se á risca os diversos numeros do programma.

Após a sessão solemne foi dado o alarme para um simulado naufragio na barra.

Com a maxima rapidez os tripulantes dos dois barcos salva-vidas que alli se encontram «Leixões» e «Rio Douro» compareceram no posto. Desde o signal de alarme até serem postos os dois salva-vidas a fluctuar não se gastaram seis minutos sendo



O salvamento de um naufrago pelo cabo de vae-vem

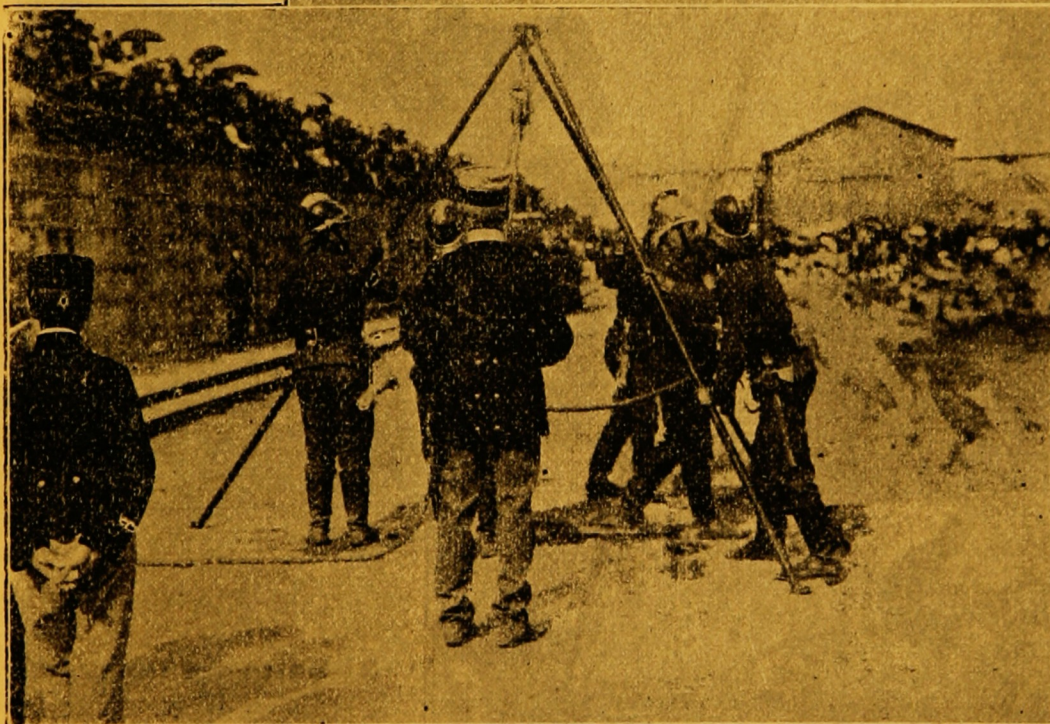
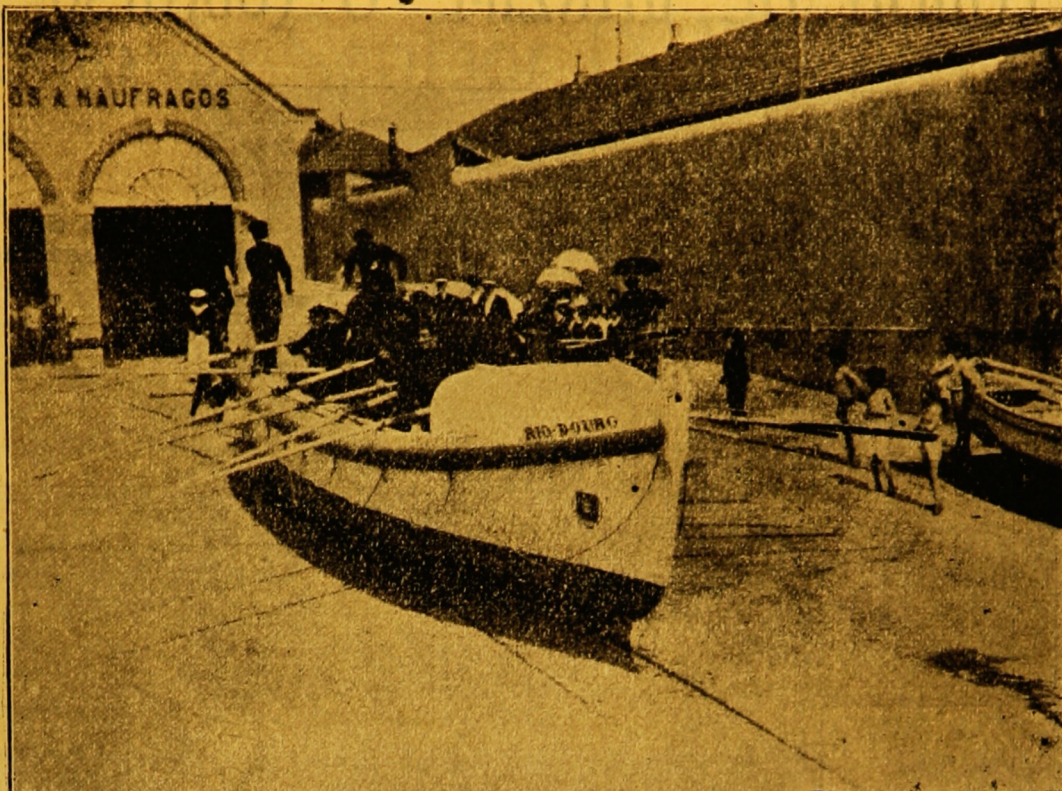
tudo feito sem o menor incidente.

Em seguida realizaram-se as corridas de barcos regionaes a véla, de lanchas-automoveis e de barcos de remos.

Juntamente com as corridas effectuou-se no molhe norte do porto de Leixões, o exercicio de socorros a naufragos pela Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios de Mattosinhos-Leça de Palmeira.

Depois de os bombei-

1—O salva-vidas «Rio Douro» sahindo em socorro dos naufragos.



A cerimonia da inauguração do signal sonoro com que rematou o programma da festa foi de um grande brilhantismo, sendo geraes as demonstrações de regosio pela inauguração de um melhoramento d'elevado alcance para a navegação.

2—Os preparativos para o salvamento.

ros estarem nos seus postos, foi lançado um foguetão para bordo da «Neiva», fundeada a cerca de 150 metros do molhe.

Acto continuo foi estabelecido o cabo de vai-vem sendo unanimemente applaudidos todos os trabalhos dos bombeiros.

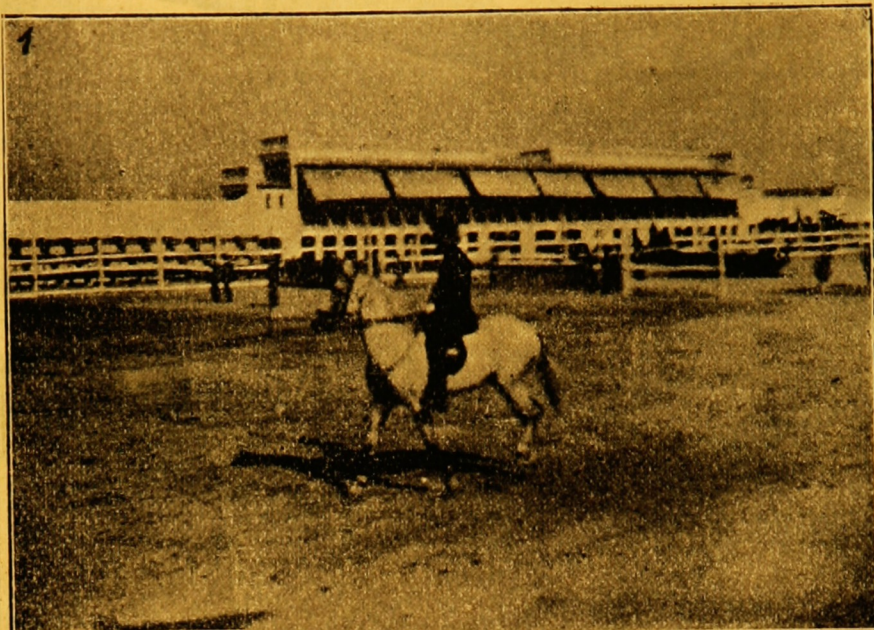
Proximo da «Neiva», andavam os barcos salva-vidas «Rio Douro», e «Leixões», afim das respectivas tripulações prestarem serviços a qualquer eventualidade.



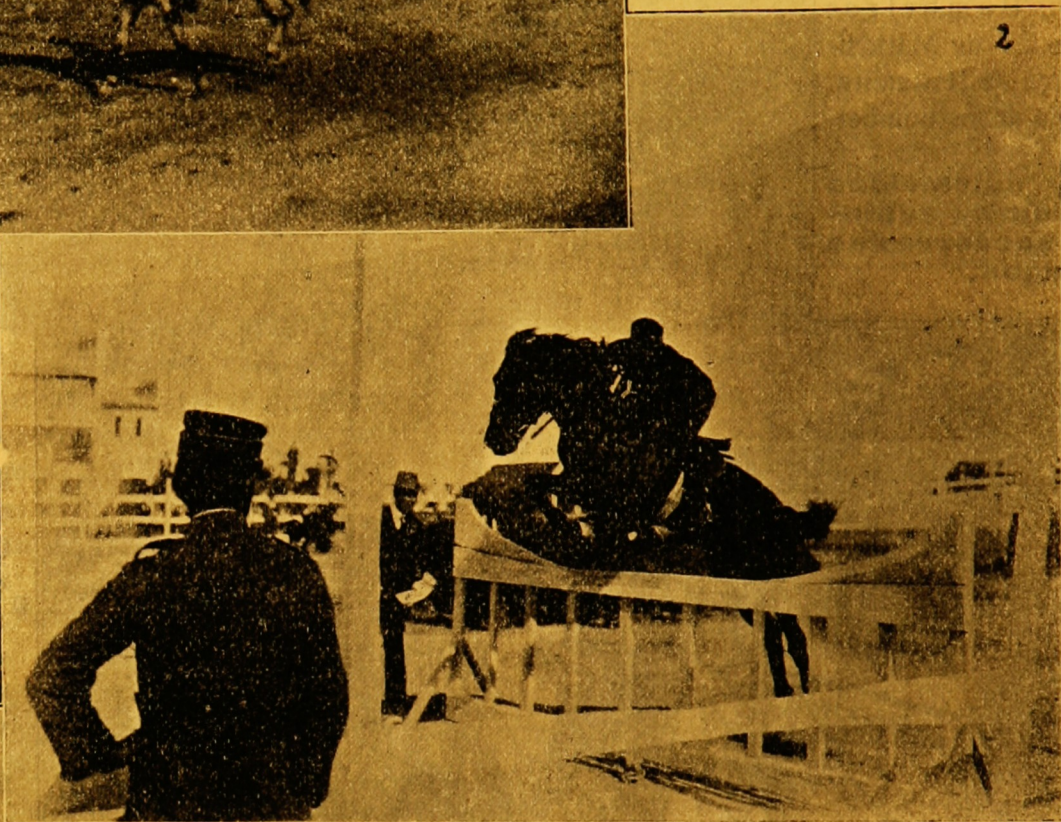
3—Lançamento do foguetão para estabelecer o cabo de vai-vem

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

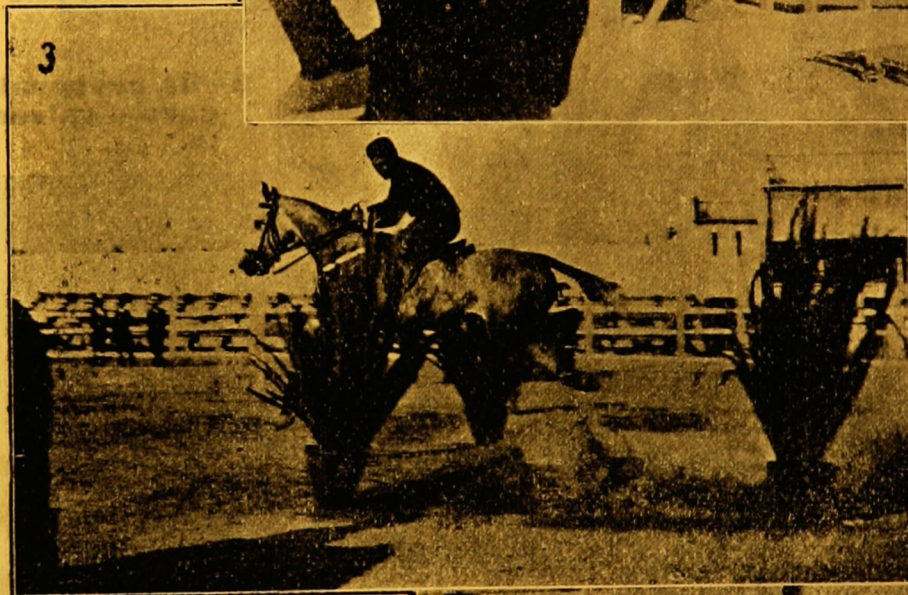
POVOA DE VARZIM. O concurso hyppico



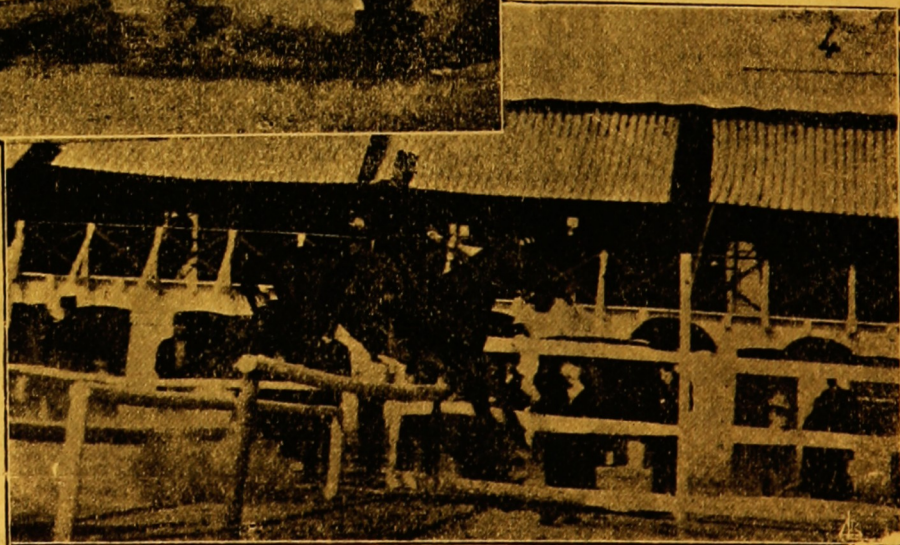
1—Um dos concorrentes aguardando o signal de largar



2—Grande salto de cancella.



3—Salto em largura



4—Um magestoso salto á dupla vara.

(Clichés do sr. Lopes Pereira).

Casamento do Senhor D. Manuel de Bragança



O senhor D. Manuel de Bragança e sua augusta esposa a princeza Victoria cujo consorcio se realisou no passado dia 4 do corrente acompanhado de sua mãe a senhora D. Amelia e seu sogro o principe Guilherme de Hohenzollern.

Vianna do Castello--As festas da Agonia

UMA GARRAIADA

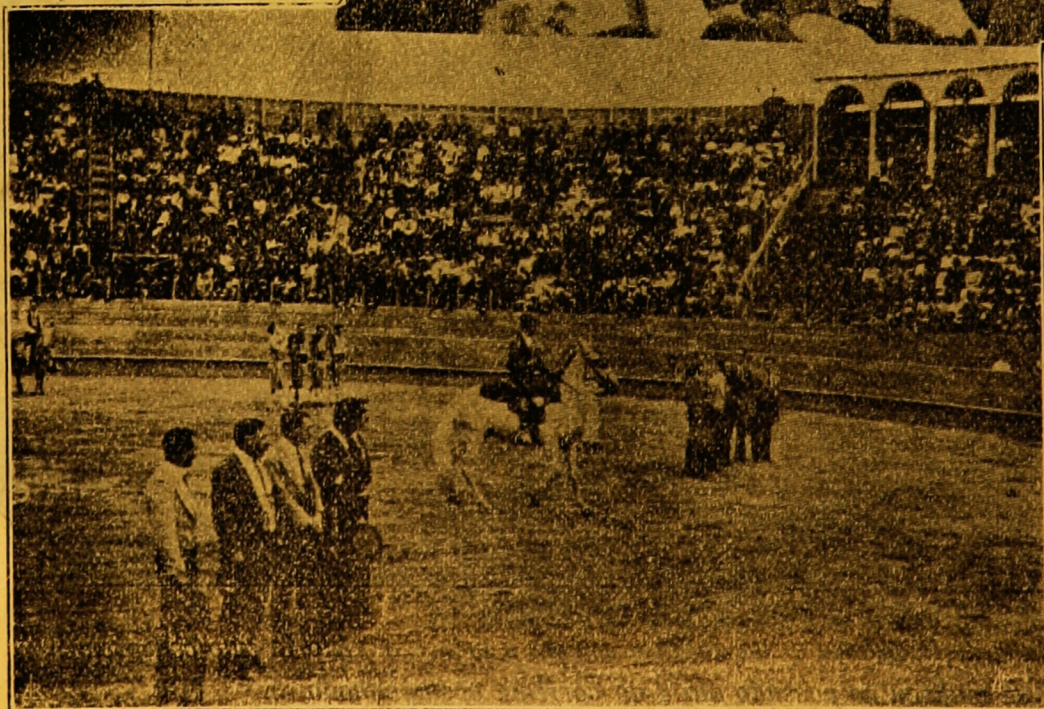
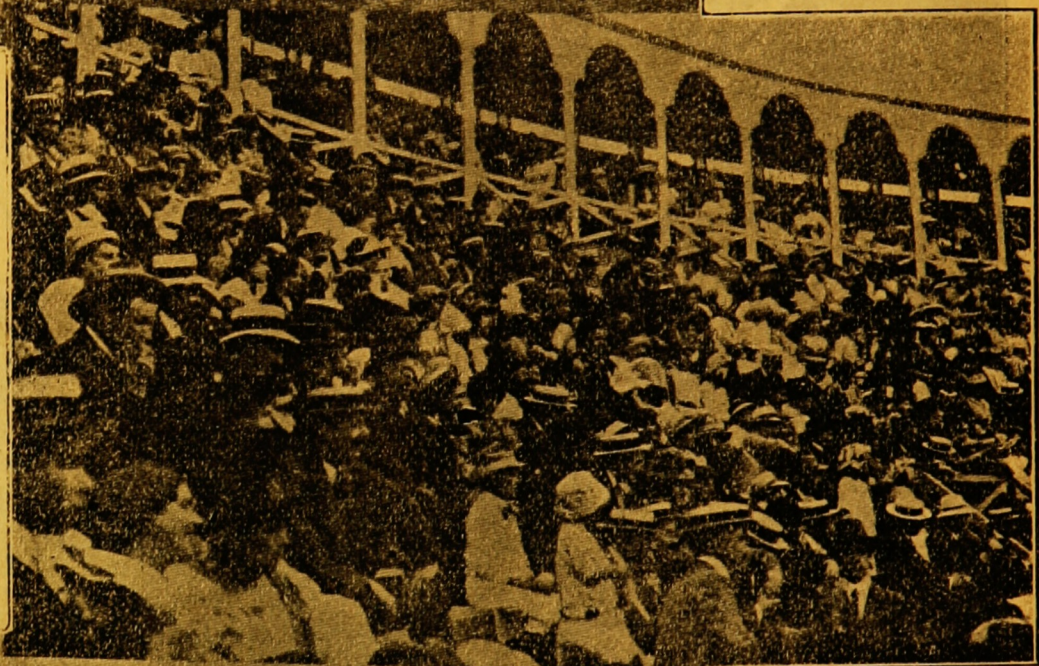


As presidentas d'honra:

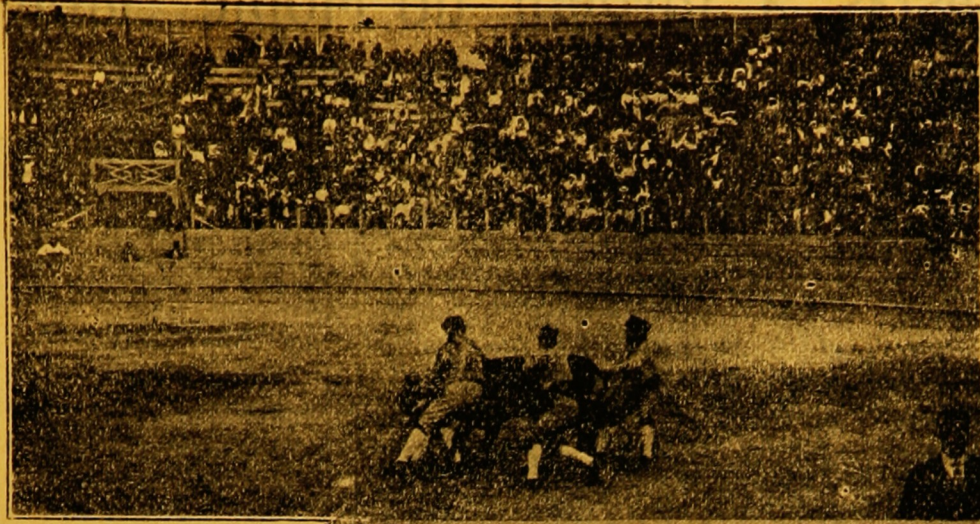
Da esquerda para a direita: Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Elisa de Vasconcellos, D. Estella Abreu Teixeira, D. Herminia Magalhães Queiroz, D. Maria Mendes Norton e D. Augusta Craveiro.

Cliché do sr. Rubens Martins.)

Um aspecto da assistencia na sombra

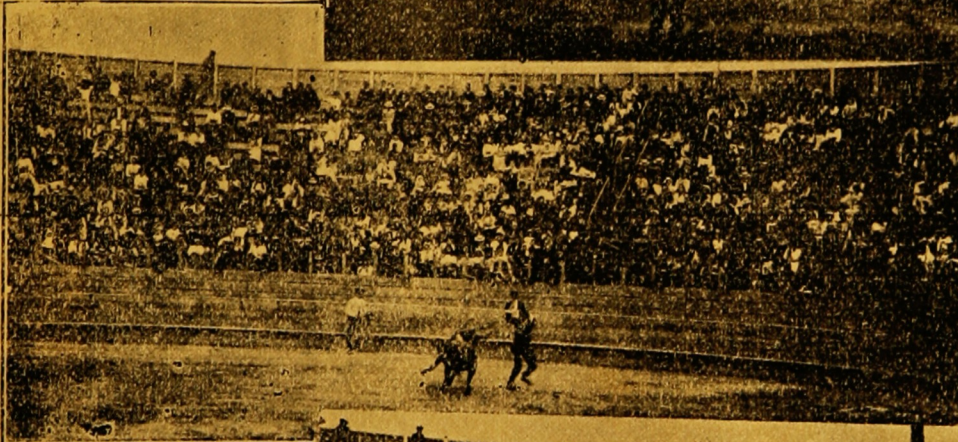
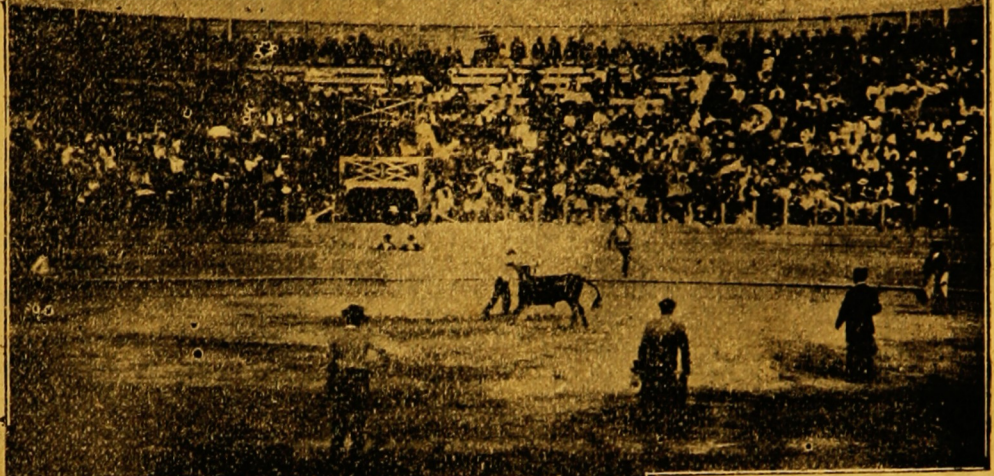


Aspectos das corzeias: Cavalleiro o sr. Alfredo Machado. Bandarilheiros, da esquerda para a direita o sr. Luiz Leiva, dr. João d'Alpoim, A. Pereira, J. Lomba, A. Vieira, Santa Martha, J. Coelho, A. Monteverde, Alpes Cunha e R. Evangelista.



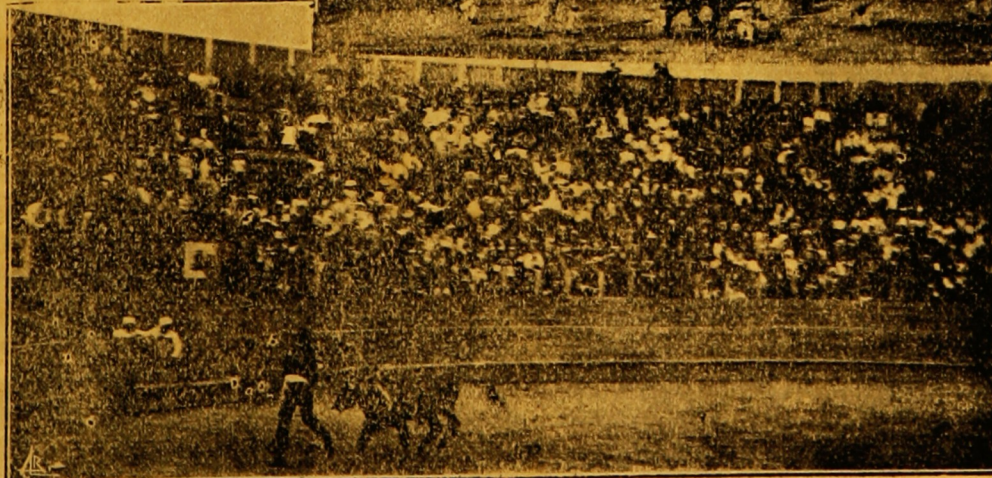
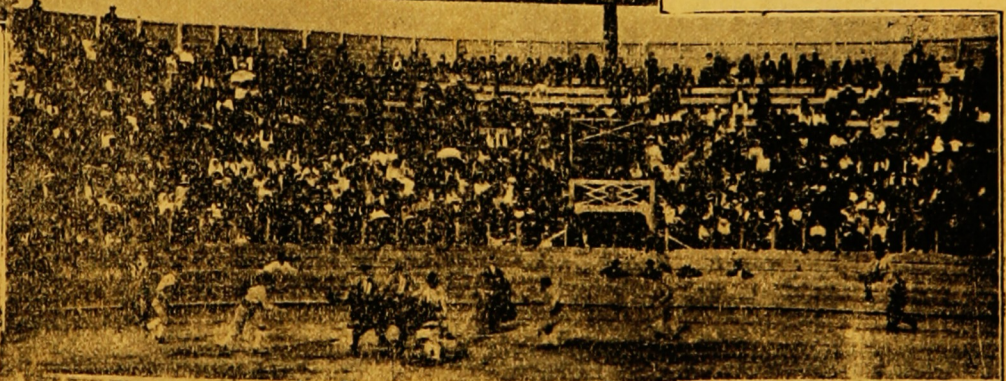
**Uma pega do
snr. Arnaldo Couto
Vianna**

**Um par de ferros
do sr. Arthur
Pereira**



**Um bello par
de ferros
do snr. dr. João de
Alpoim**

**Uma pega
movimentada**



**Um bello par de
ferros
lo sr. José R. Coelho**

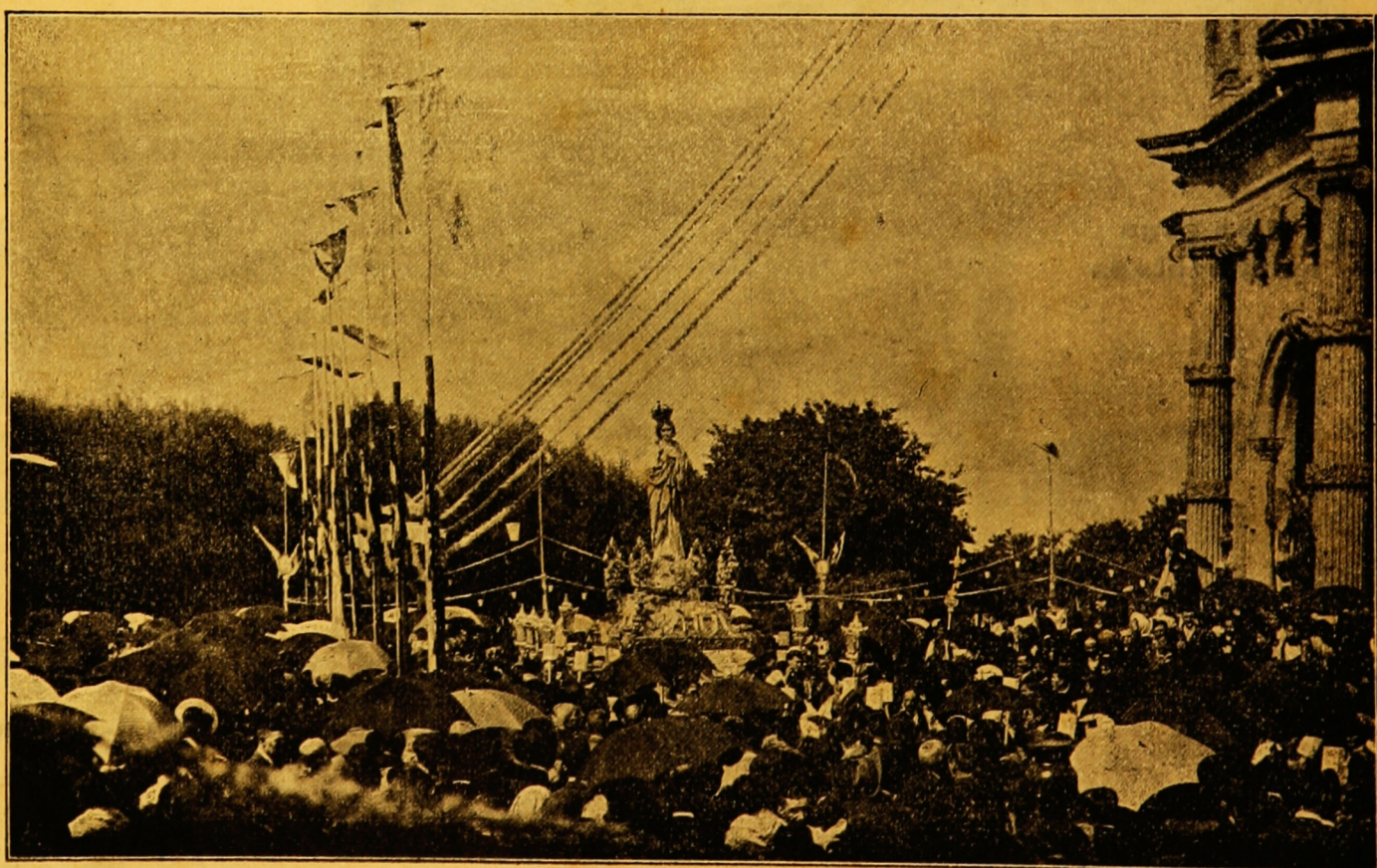
(Clichés do snr. João C. d'Almeida)



BRAGA. As festas á Virgem do Monte Sameiro



O monumento da Virgem e o novo templo



O povo assistindo á passagem da procissão